

DOI: 10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT11.001

## BIMODALIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A PRÁTICA BIMODAL NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Cleuzilaine Vieira da Silva

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, cleuzilaine@ufsj.edu.br;

Maria de Fátima Cardoso Gomes

Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, mafa@ufmg.br

### RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, que faz parte de uma tese de doutorado em andamento sobre a construção da subjetividade de um aluno surdo bimodal. Desta forma, propomos como objetivo investigar sobre a prática bimodal na educação dos surdos a partir da concepção de bimodalismo e bimodalidade, com foco principal na bimodalidade como mescla linguística presente tanto no contexto familiar como escolar da pessoa surda. Para elaboração da presente revisão de literatura buscamos analisar os trabalhos sobre bimodalismo disponíveis no Portal de Teses e Dissertações da Capes, e os artigos sobre bimodalidade ou surdo bimodal disponíveis pelo banco de dados da rede de revistas acadêmicas *Redalyc*. Os trabalhos analisados são de 1998 a 2014, e ajudam a compor um cenário sobre a educação dos surdos, bem como os desafios educacionais e linguísticos com relação a esse grupo. Nesse sentido são apresentados aspectos sobre a prática bimodal nas relações familiares e na leitura e escrita, sendo também, abordadas questões que vão além da linguagem em uso com relação ao sucesso ou fracasso escolar de surdos.

**Palavras-chave:** Bimodalismo, Bimodalidade, Educação de Surdos, Prática Bimodal.

## INTRODUÇÃO

O presente texto é o resultado de uma pesquisa bibliográfica realizada durante a escrita de uma tese de doutorado sobre a construção da subjetividade de um aluno surdo bimodal. Nesse sentido, buscamos investigar sobre a prática bimodal na educação dos surdos a partir da concepção de bimodalismo e bimodalidade, com foco principal na bimodalidade como mescla linguística presente tanto no contexto familiar como escolar da pessoa surda. Embora o bimodalismo tenha sido uma das práticas da Comunicação Total, filosofia educacional que perdurou durante a educação dos surdos entre os anos 80 e meados dos anos 90 no Brasil, encontramos os resquícios dessa prática, porém não mais associada a uma questão de reabilitação clínico-terapêutica, mas sim associada à processos interacionais com os familiares, pais ouvintes e filhos surdos, bem como, pais surdos e filhos ouvintes. Também destacamos a prática bimodal na abordagem educacional, em escolas comuns em processo de inclusão, e ainda em escolas bilíngues (só de surdos), que seguem uma cultura escolar em que a Língua Portuguesa na modalidade oral é linguagem em uso nas relações discursivas entre os profissionais da educação e os alunos, sendo esta majoritariamente a língua de instrução e a Libras língua de tradução.

Desta forma, enfatizamos a importância do presente trabalho principalmente pelo fato de a bimodalidade ser facilmente confundida com a educação bilíngue, já que a atual proposta de educação enfatiza que o ensino bilíngue se dá por meio do acesso à aprendizagem de duas línguas: Libras e Língua Portuguesa. No entanto, esse processo parece ser mais presente em alguns casos específicos de pais surdos e filhos ouvintes ou em que um dos pais seja ouvinte e o outro surdo, pois nesse modelo familiar a Libras e a Língua Portuguesa constituem linguagens em uso. Já no caso de pais ouvintes e filhos surdos, outros aspectos se apresentam com relação ao acesso do filho surdo à língua oral e à língua de sinais, como por exemplo: dificuldade de aquisição da Libras devido ao uso restrito da linguagem oral e/ou desconhecimento da Libras pelos pais; dificuldade de comunicação na língua oral pelos filhos ou mesmo limitações na compreensão do que é dito na língua oral

devido a perda auditiva, o que pode gerar para as crianças surdas dificuldades em construir conceitos bem como se comunicar e se fazer entender nas duas línguas. Esses aspectos são discutidos na presente pesquisa por meio de uma revisão de literatura em que abordamos a complexidade e profundidade das discussões que envolvem a bimodalidade, enquanto mescla linguística tanto no contexto familiar quanto educacional.

Para a composição desta revisão de literatura realizamos uma análise da produção acadêmica no Portal de Teses e Dissertações da Capes, com o termo bimodalismo, e uma análise de trabalhos obtidos a partir do banco de dados *Redalyc - Red de Revistas Científicas de América latina y El Caribe, España y Portugal*<sup>1</sup>. Como resultado discutimos três trabalhos sobre a concepção de bimodalismo e dois trabalhos sobre a prática bimodal. Desta forma, pontuamos as contribuições dos trabalhos e analisamos criticamente algumas concepções que historicamente são incorporadas pelo senso comum e disseminadas no meio acadêmico dividindo posicionamentos acerca da educação dos surdos, principalmente com relação as linguagens em uso: Libras e Língua Portuguesa, e a imposição da língua oral para pessoas surdas como uma prática perversa das pessoas ouvintes.

## METODOLOGIA

Severino (2012, p. 87) afirma que “a apropriação de referências epistemológicas para que se possa construir o conhecimento no campo educacional é, pois, exigência intrínseca para o candidato a pesquisador que é o aluno de pós-graduação”.

Desta forma realizamos dois tipos de consultas: a primeira, com a palavra-chave “bimodalismo”, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; e a segunda, no banco de dados do *Redalyc*

1 O nome Redalyc vem da Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal, e foi fundada por Eduardo Aguado López, Arianna Becerril García e Salvador Chávez Ávila em 2003 como um projeto acadêmico da Universidade Autônoma do Estado do México, o objetivo era dar visibilidade, consolidar e melhorar a qualidade editorial das revistas de Ciências Sociais e Humanas da região Latino-americana. Em 2006 foi aberto a todas as áreas do conhecimento e incluiu revistas da Península Ibérica (Redalyc, 2022).

com a palavra-chave: bimodal. Na primeira consulta em que encontramos 4 trabalhos, descartamos 1 trabalho por não apresentar diálogo com nossa investigação, já que esse trabalho abordava um ambiente multilíngue, ou seja, Libras, português e mais dois idiomas. Desta forma, selecionamos 3 trabalhos, sendo uma tese e duas dissertações. Na segunda consulta, pelo *Redalyc* estabelecemos os seguintes indicadores para refinamento nas buscas: (i) idioma – Português; (ii) Disciplinas: Educação; Comunicação; Língua e Literatura; Estudos culturais; (iii) País – Brasil. Selecionamos apenas dois artigos de um total de 25 encontrados no banco de dados, isso porque, preferimos concentrar nossa análise em trabalhos que abordam as concepções de bimodalidade, prática bimodal, aluno/criança surdo(a) bimodal. Para a seleção dos trabalhos primeiramente elegemos o título, depois resumo e introdução, tendo como foco o objeto de estudo que é a como prática bimodal auxilia na construção da subjetividade de um aluno surdo que vive em uma contexto de bimodalidade, nesse sentido, a revisão de literatura dos trabalhos acadêmicos contribuem para a construção do conhecimento e ampliação de conceitos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deste modo, iniciamos nossa discussão com os três trabalhos sobre bimodalismo encontrados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, sendo o primeiro trabalho do ano de 1998, o segundo de 2009 e o último 2011. Nessa busca, algo nos chamou a atenção: porque não encontramos trabalhos recentes com o termo bimodalismo? Pensamos que a resposta para esse questionamento pode estar no termo bimodalidade e ao longo dessa investigação documental tentaremos encontrar a resposta para esse questionamento.

Neste sentido, discutimos a dissertação: “A leitura, a escrita e a interação discursiva de sujeitos surdos: estigma, preconceitos e formações imaginárias”, de Botelho (1998). A autora investigou 6 alunos surdos com idades entre 14 e 20 anos, com níveis de escolaridade de 7ª série e primeiro ano do ensino médio, sendo que os atores da pesquisa são 3 surdos oralizados e 3 não oralizados, todos usuários de Libras. O trabalho discute práticas sociais e práticas escolares de leitura e escrita, tanto em uma escola regular como em uma escola

especial. Desta forma, a autora analisa em seu texto as relações entre a oralização, leitura e escrita, uso de bimodalismo, língua de sinais e alfabeto manual<sup>2</sup>.

O Bimodalismo é definido por Botelho (1998) como português sinalizado e uso de fala e sinais de forma concomitante. A menção sobre bimodalismo pela autora aparece primeiramente ligada à filosofia educacional conhecida como comunicação total, que chegou ao Brasil nos anos 80.

Segundo essa proposta, todos os recursos são importantes e indispensáveis para promover uma “comunicação total”: fala, leitura labial, escrita, desenho, dramatização, língua de sinais e alfabeto manual. Embora esses recursos sejam, realmente, recursos fundamentais, o problema reside na utilização de prática simultânea, ou bimodalismo. Também denominado português sinalizado, consiste na utilização concomitante de fala e sinais. A comunicação total preconiza que não importa como se diz, e sim o conteúdo a ser transmitido. Essa alegação é discutível, porque **como** se diz importa tanto quanto **o que** se diz (BOTELHO, 1998, p.101, **grifos da autora**).

Nessa direção, no livro de sua autoria “Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas”, Botelho (2013) afirma que além de dificultar a estruturação do pensamento, devido a busca constante de ajuste entre fala e sinais, percebe-se que a simultaneidade veiculada pelo bimodalismo deforma a enunciação (o sentido), e se torna uma montagem artificial, sempre baseada na língua oral. Ainda segundo a autora, embora a prática bimodal omita partes dos enunciados, isso não ocorre na maior parte da comunicação, o que faz com que o interlocutor dê continuidade àquilo que chama de conversa ou leitura, tentando corresponder sinais às palavras faladas e mesmo com algum incômodo com relação a falta de entendimento do surdo, o interlocutor segue a diante.

Para Botelho (1998) os problemas na comunicação, em especial na leitura e escrita dos surdos, aumentaram com o bimodalismo.

---

2 Notemos que no período de escrita do trabalho a língua de sinais ainda não havia sido oficializada, e, portanto, o alfabeto manual não era incorporado à Libras.

Nesse sentido, a autora afirma que na interação face a face e em textos curtos e de pequena complexidade léxico-sintático-semântica os problemas são menores, no entanto, a medida em que se aumenta a complexidade da enunciação, vários fenômenos acontecem ocorrendo mal-entendidos com relação a semântica de uma das línguas, omissão de sinais ou de palavra na fala e perda do fio condutor do assunto ocorrendo dificuldades na construção de sentidos e significados para os surdos.

Mesmo que a prática bimodal seja ligada a comunicação total como uma filosofia educacional, na prática acredita-se que ela vem se tornando uma ferramenta muito comum nas famílias de pais ouvintes e filho surdo,

os proponentes do bimodalismo consideram que esse sistema facilita a comunicação, porque reúne duas possibilidades, fala e sinais, e assim beneficia surdos e ouvintes. Alegam que os surdos vêm de famílias que usam uma língua na modalidade oral e que um modo simultâneo de comunicação leva em conta esse contexto, tendo como resultado uma interação facilitada. (BOTELHO, 1998, p.101)

No entanto, é preciso pensar que tipo de interação é promovida por esse bimodalismo, quem se privilegia dessa interação, e se ela é benéfica para a construção de conhecimento do surdo. Em suas palavras, “o bimodalismo pretende resolver o problema do ouvinte, que nem sempre está disposto a alterar um cômodo e estabelecido lugar” (BOTELHO, 1998, p. 102), ou seja, o ouvinte não teria que se esforçar tanto em aprender a Libras ou mesmo ser fluente, já que o esforço maior seria do surdo em tentar compreender gestos e sinais juntamente com a fala.

Concordamos com a autora que o uso da Libras juntamente com a fala pode ocasionar falhas no entendimento dos surdos e, principalmente dificuldades de construir sentidos e significados para as suas práticas de letramentos. E de que é preciso atentar para a importância de não se prender apenas aos aspectos linguísticos da LS e da LO, mas analisar os contextos e as vivências que os surdos constroem nas relações sociais e discursivas.

Ainda conforme Botelho (1998), os surdos oralizados tinham entornos familiares e extra-escolares com maior oferta de materiais

de leitura e de escrita, esse grupo de surdos oralizados tinham em casa pais e irmão que serviam de modelo para a leitura. Já na família dos surdos não oralizados, a autora afirma que havia menor oferta de materiais de leitura, os hábitos de leitura dos familiares eram poucos ou ausentes, e a leitura, escrita e escolarização assumiam um valor menor na vida dos membros das famílias. A autora sintetiza que os surdos oralizados pertenciam a frações sociais privilegiadas em capital econômico e cultural, comparativamente aos surdos não oralizados que pertenciam a frações sociais menos favorecidas.

Outro aspecto importante na conclusão de Botelho (1998) diz respeito a escola regular e a escola especial. Segundo a autora outro fator explicativo de melhores resultados de leitura e escrita por surdos oralizados é que as práticas escolares e a oferta de leitura e escrita nas escolas regulares eram qualitativamente superiores comparadas as escolas especiais onde estudavam os surdos não oralizados. Embora, as condições de permanência nas escolas regulares para os surdos naquela época fossem mínimas ou nulas.

A conclusão de Botelho (1998) nos auxilia no entendimento de que, além do debate referente ao uso da LO - Língua Oral e LS - Língua de Sinais, também é preciso contextualizar o meio social em que muitos surdos vivem tanto com relação a família, como com relação a escola que tem acesso, e os investimentos governamentais em educação para atendimento das especificidades desse grupo.

Com relação ao bimodalismo em família de pais ouvintes e filhos surdos vale discutir a dissertação "Discurso da mãe ouvinte durante a interação com o filho surdo", em que Alves (2009) propõe como objetivo da pesquisa analisar o discurso de mães ouvintes ao interagir com seus filhos surdos, abordando o modo comunicativo predominante, as características do discurso, as estratégias de ganho e manutenção da atenção e o estabelecimento de atenção conjunta das díades. Deste modo, a autora afirma que participaram da pesquisa 20 díades de mães ouvintes e filhos surdos inseridos em programas bilíngues, divididos em dois grupos: díades de 1 a 10 integrantes do grupo I (crianças de 2 anos e 2 meses a 4 anos e 11 meses) e díades de 11 a 20 integrantes do grupo II (crianças de 5 anos e 4 meses a 7 anos e 6 meses). Assim, a autora caracteriza

as crianças participantes da pesquisa com faixa etária entre 2 e 7 anos de idade; com diagnósticos de surdez neurosensorial bilateral de grau moderado a profundo. Para a investigação Alvès (2009) propôs para as mães e os filhos atividades de interação por meio de brincadeiras, narração de história e conversa sobre fotos, sendo proposto um tempo de 5 minutos para cada atividade. Conforme a autora, as gravações foram realizadas com as 20 díades interagindo durante 15 minutos nas três atividades de comunicação citadas, sendo proposto um tempo de 5 minutos para cada atividade (brincadeira, história e foto). A autora descreve que o modo comunicativo predominante pelas mães foram: fala, bimodalismo ou Língua Brasileira de Sinais - Libras. Entre os resultados obtidos na pesquisa, a autora destaca que:

Oito tipos de características do discurso das mães (narrativa, descrição, nomeação, pergunta elicitadora, fala diretiva, referência ao passado, referência ao futuro e sugestões) e quatro estratégias de ganho e manutenção da atenção (tátil, visual, Libras no campo visual da criança e estratégia de espera) foram comparadas quanto à incidência em cada uma das atividades e entre as atividades, considerando-se dois grupos de díades distintos de acordo com a faixa etária das crianças. Mais da metade das mães usou a fala como modo comunicativo predominante ao interagir com seus filhos surdos, na maioria das vezes incluindo a Libras e gestos como sistemas auxiliares da comunicação. De maneira geral, as mães apresentaram discurso pouco elaborado, direcionando a atenção dos filhos sem promover informações linguísticas adequadas (ALVES, 2009, n.p)

A pesquisadora relata que o uso da Libras e/ou da língua falada pelas mães mostrou-se limitado em termos de elaboração linguística, mas não explicita de que forma é essa limitação. Além disso, segundo ela as crianças mal se comunicavam através da língua oral e participavam de programas de reabilitação bilingue em diferentes instituições, sendo: 5 díades da Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudiológica (ARPEF), 6 do ambulatório de surdez do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF-UFRJ) e 9 do Serviço de Educação Infantil do Instituto Nacional de Educação de



Surdos (SEDIN - INES). Embora a pesquisadora informe que as atividades de observação foram realizadas nas instituições, não são explicitados como eram realizados esses programas bem como a periodicidade das sessões.

Alguns dados que a autora nos apresenta nos propõem as seguintes reflexões sobre as línguas, as interações discursivas e o próprio trabalho: primeiro, o uso concomitante de Libras e Língua Portuguesa, no caso do bimodalismo, demonstrou o uso maior da LO em detrimento da LS durante as interações entre as mães ouvintes e os filhos surdos, no entanto, o que nos interessa é o quanto as crianças surdas entenderam do que estava sendo veiculado por meio das duas línguas, ou seja, que sentidos e significados foram construídos durante as atividades, ou seja, em que ponto é possível identificar o que essas crianças entenderam? Infelizmente o trabalho não faz nenhuma menção com relação a esse tipo de informação.

Outra observação com relação à pesquisa de Alves (2009) é o resultado positivo com relação ao momento em que as mães interagiram com os filhos por meio de história e fotos, fazendo uso de narrativa e referindo-se ao passado. Neste ponto, embora a autora não traga esse apontamento, destaca-se que as práticas discursivas citadas pela autora envolvem principalmente o uso da recordação de vivências, o que leva a pensar que o êxito em conseguir a atenção conjunta, mães e filhos, deve-se a própria relação prazerosa e afetiva por meio da recordação. É como pontua Vigotski (1926/2003, p. 149);

Nada se recorda tanto como aquilo que, em um determinado momento, esteve ligado ao prazer. Esta parece ser a expressão da tendência biológica do organismo, ou seja, reter e reproduzir vivências relacionadas ao prazer. Por isso, transforma-se em regra pedagógica a exigência de uma certa vivência emocional, através da qual deve passar todo o material didático.

E por fim, é notório no trabalho de Alves (2009) que a pesquisa focaliza na comunicação com a mãe, não falando sobre as relações com os outros familiares, inclusive com os pais das crianças. De acordo com a autora a justificativa é que “estudos sobre

o desenvolvimento infantil têm se concentrado na interação e no diálogo entre mãe e filho, porque esse é geralmente o contexto mais comum para a aprendizagem da linguagem” (ALVES, 2009, p. 10). Nas palavras da autora:

Durante o período de aquisição da linguagem infantil é comum observarmos a fala das mães de uma forma especialmente modificada ao se dirigirem aos filhos, denominada “maternalês”. As características do “maternalês” como o uso de uma intensidade da voz mais alta que a comum, as inflexões da voz exageradas e as emissões de frases mais simplificadas, tornam a voz da mãe mais musical e interessante para a criança, podendo repercutir na manutenção da atenção e na construção do vínculo afetivo (ALVES, 2009, p. 11).

Retornando a questão da bimodalidade no campo educacional propomos analisar a tese “Educação de Surdos e Preconceito – bilinguismo na vitrine e bimodalismo precário no estoque” de Witkoski (2011), em que a autora denomina sua pesquisa como etnográfica e a investigação realizada durante o ano de 2010, em uma turma de alunos surdos da 7ª série. Para tanto, foram observadas as disciplinas de Libras e Língua Portuguesa, em uma escola de alunos surdos. Conforme ressalta a autora, “a escola observada, que representa o universo de outras escolas para surdos, caracteriza-se pela absoluta ausência de um ensino qualificado e diferenciado para os surdos, com o predomínio de práticas oralistas” (WITKOSKI, 2011, p.7). Na tese a autora se autodenomina surda e ex-ouvinte, afirmando possuir uma identidade híbrida, já que se identificou como surda na fase adulta. Em sua proposta de pesquisa ressalta;

A Tese que defendo nesta pesquisa é a de que o ensino público oficialmente denominado bilingue oferecido aos alunos surdos, em escola específica, tem produzido iletrados funcionais devido ao preconceito contra os surdos; a não formação ou formação deficiente dos professores; ao estigma de que o surdo é um deficiente sem condições efetivas de desenvolvimento semelhante aos ouvintes; e às tentativas de normalização do surdo à cultura hegemônica (abafando os

frágeis laços identitários que possui com seu grupo e consigo) (WITKOSKI, 2011, p.13)

O trabalho se baseia na teoria sócio-antropológica sobre a surdez, que tem como representante Skliar (1997/2013). Desta forma, a autora afirma que apesar da Libras passar a ser utilizada a partir da introdução da comunicação total no Brasil, o uso da comunicação total para educação de surdos não repercutiu em significativa melhora nos níveis de aprendizagem dos alunos surdos. Isso porque para ela;

A ausência de resultados positivos é derivada do fato de que na Comunicação Total o objetivo permanece sendo a oralização, de modo que a Libras constituiu-se em apenas uma língua acessória a fim de ampliar as possibilidades de acesso à língua de prestígio. **Esta sujeição da Libras ao Português imposta pela cultura hegemônica, cultura dos ouvintes**, além de refletir numa desvalorização subliminar da Língua de Sinais, pelo uso concomitante das duas línguas, entende-se ser um fator prejudicial à compreensão e apropriação de ambas as línguas, na medida em que o uso bimodal desvirtua a ambas: não se fala nem Português nem se sinaliza Libras em plenitude (WITKOSKI, 2011, p. 53-54, **grifos nossos**)

Ponto importante que não devemos deixar de destacar com relação a citação acima, além da questão do bimodalismo, é a argumentação da autora em relação a dualidade: a “língua dos ouvintes” e a “língua dos surdos”, bem como, a “cultura dos ouvintes” e a “cultura dos surdos”, que parecem expressar uma ideologia que focaliza na separação dos dois públicos, evocando não apenas diferença mas também uma certa rivalidade. Nesse aspecto destaca-se a necessidade de uma análise crítica sobre discursos que envolvem “comunidade, cultura e identidade surdas”, conforme Bueno e Ferrari (2013), pois para esses autores, “essas não são expressões absolutas da verdade, mas construções simbólicas decorrentes de conjunturas sociais, políticas e econômicas que podem e devem ser colocadas no crivo crítico” (p.10).

Continuando, após ressaltar a luta proveniente de políticas educacionais para legitimação da Libras como Língua dos surdos brasileiros, e com a implantação do processo de inclusão escolar,

a autora afirma “que apesar de todas as conquistas e avanços, é preciso salientar que a educação dos surdos ainda é marcada pelo fracasso escolar, inclusive de alunos provenientes de instituições que oficialmente se denominam como bilingues” (WITKOSKI, 2011, p.54).

O trabalho de Witkoski (2011) é claramente uma crítica ao bimodalismo e as práticas de oralidade presentes em escolas ditas “bilingues”. A pesquisadora aponta ter presenciado durante suas observações:

(a) o preconceito contra os alunos surdos que os estigmatiza como sendo deficientes e sem condições efetivas de desenvolvimento semelhante aos ouvintes, (b) a não formação ou formação deficitária dos professores, (c) as tentativas de normalização do surdo à cultura hegemônica, que repercutem negativamente na sua formação identitária e no seu sentimento de pertença. (WITKOSKI, 2011, p.212)

A autora ainda afirma que na referida escola em realizou sua investigação empírica há uma hierarquização dos surdos pela oralidade: “falar bem” a Língua Portuguesa. Em um evento específico, em que os alunos questionam se a pesquisadora “fala bem a língua portuguesa”, fica em evidência que o falar bem oralmente segue um padrão de excelência exigido pela escola em detrimento dos alunos que utilizam apenas os sinais, mesmo sendo uma escola de surdos. Outro aspecto apontado pela autora são as práticas bimodais da professora de português que fala e sinaliza ao mesmo tempo para os alunos, sem trabalhar, no entanto, os sentidos e significados das construções conceituais nas duas línguas. Segundo a autora, “o que predominou em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa foi a ênfase na cópia mecânica de conteúdos, seguida de exercícios também de natureza mecânica” (WITKOSKI, 2011, p.212). Além disso a autora ressalta o uso de português sinalizado<sup>3</sup> tanto pelos professores de Língua Portuguesa e Libras quanto por professores de outras disciplinas que lecionam na escola. Para Witkoski (2011) a justificativa de que a explicação para o uso do bimodalismo tem

3 O português sinalizado é o uso dos sinais da Libras na estrutura gramatical do Português.

sido motivada devido a carência de professores com formação qualificada, incluindo a fluência em Libras, não procede, pois, as professoras pesquisadas eram fluentes em Libras, e alega que o que falta ao professor é consciência acerca da existência de preconceito em relação aos surdos e sua língua. Ou seja, para a pesquisadora há um interesse dos ouvintes em colonizar os surdos impondo-lhes a cultura e a língua dos ouvintes. Em suas palavras:

[...] como eliciadores da condição de iletrados funcionais destacam-se as tentativas de normalização do surdo à cultura hegemônica, que repercutem negativamente na formação identitária e de pertença. Tais tentativas estiveram presentes, (a) no uso do bimodalismo em sala de aula, tanto dos professores das disciplinas de Língua Portuguesa quanto da Libras; (b) na hegemonia absoluta da língua de modalidade oral em ambas as disciplinas; (c) no fato da Libras ser utilizada apenas como “linguagem” a fim de acessar a língua de status, isto é, a língua dos ouvintes, como (d) na ouvintização do currículo escolar marcado pela ausência absoluta do sujeito surdo e suas referências culturais (WITKOSKI, 2011, p. 216)

Nesse sentido destacamos alguns aspectos relevantes para a discussão sobre a pesquisa de Witkoski (2011), entre eles é o de que ela não escreve o texto da pesquisa de campo em primeira pessoa, se referindo como “a pesquisadora”, o que ao nosso ver, parece querer estar ou se colocar distante dos fatos observados. Isso nos leva a identificar sua observação como não participante, já que a autora não define o tipo de observação realizada durante sua investigação. Além disso, a autora afirma que nas situações conflituosas ocorridas dentro e fora da sala de aula “ficou literalmente olhando a paisagem, a fim de diminuir a pressão que a sua presença apresentava” (WITKOSKI, 2011, p. 57). Essa postura da autora contradiz a proposta de um verdadeiro trabalho etnográfico em Educação, de acordo com Green, Dixon e Zaharlick (2005, p. 18)

observações etnográficas envolvem uma abordagem que centraliza suas preocupações em compreender o que de fato seus membros precisam, saber, fazer, prever e interpretar a fim de participar da construção

de eventos em andamento da vida que acontece dentro do grupo social estudado.

Outro ponto que nos chama a atenção é que não há uma caracterização detalhadas dos participantes da pesquisa, quem são, suas formações, quantos anos trabalham na área, idades, enfim, essas pessoas são apresentadas pelos conteúdos que lecionam e se são surdos ou ouvintes. Embora a pesquisadora afirme ter realizado a observação durante o ano de 2010, não são apresentadas horas ou quantidade de aulas observadas, nem por mês e nem no total, os episódios que são discutidos, não têm justificativa de suas escolhas e nem dos títulos escolhidos, o que nos leva a concluir que servem de exemplos para constatações, principalmente com relação à imposição da língua oral dos profissionais da educação, que são ouvintes, sobre os alunos surdos que frequentam a escola. Nesse sentido Green, Dixon e Zaharlick (2005, p. 30) alertam que;

A tarefa do etnógrafo é revelar as maneiras pelas quais os membros do grupo estudado percebem sua realidade e seu mundo, como eles constroem seus padrões de vida, e como, por intermédio de suas ações (e interações), constituem seus valores, crenças, ideias e sistemas simbólicos significativos.

Ou seja, por meio da perspectiva êmica, que o pesquisador apreende a cultura com e por meio do outro, evitando ser levado apenas por um olhar que ele tem sobre o grupo pesquisado, mas construindo esse olhar com os participantes. No caso da pesquisa de Witkoski, (2011), a autora não questiona a postura dos professores ouvintes com relação aos alunos surdos e passa a relatar os acontecimentos por meio de um olhar particular sem destacar quais as contribuições dos participantes da pesquisa, principalmente os professores ouvintes, no intuito de se repensar a educação de surdos, seja ela na escola especial ou na escola regular.

Nesse sentido, mesmo que a pesquisadora não se posicione contra as escolas especiais (escolas para surdos), a sua pesquisa nos mostra que o problema fundamental na educação dos surdos não é a língua oral ou bimodalismo, mas é de outra ordem, que seria o acesso à educação pública, de qualidade e laica para todos, um direito constitucional que não tem sido levado em conta pela

administração pública de nosso país. Nesse ponto concordamos com Bueno e Ferrari (2013, p. 5) sobre o fracasso escolar de surdos, “há que se relacionar esse fracasso a desigualdades econômicas, sociais e culturais, bem como a processos de escolarização, mais determinantes do que somente as questões linguísticas”.

Diante do que foi discutido, respondemos aqui o questionamento de porque não encontramos em nossa consulta ao Portal de Teses e Dissertações da Capes, trabalhos recentes com o termo bimodalismo, pois, este termo se refere a uma prática que se iniciou na comunicação total em que o entendimento da educação dos surdos era baseado no modelo clínico-terapêutico, ou seja, voltado para reabilitação da fala e devido a historicidade que marca a memória dos estudiosos da área da surdez (Botelho, 2009, 2013; Goldfeld, 2002; Bernardino, 2000; Góes, 2012), pensamos que o sufixo **-ismo** esteja relacionado a uma patologia, posicionamento problematizado na atualidade.

Moura (2018), no artigo, “Da morfologia ao discurso: o caso do sufixo **-ismo** para denominar práticas homossexuais”, discute o uso da palavra “homossexualidade” ao invés de “homossexualismo”, porque de acordo com o autor a segunda palavra traz no seu sentido a ideia de que a prática homossexual é uma doença, já a palavra homossexualidade, reivindicada pela comunidade LGBTQI+, traz o sentido de diferença. Em conformidade Barbosa; Xavier (2020), também explicam no artigo “O caráter patológico na definição de homossexualidade em dicionários escolares” que o termo homossexualidade, semanticamente, refere-se a um modo de ser e/ou de se relacionar. Já “homossexualismo” é um termo da medicina antiga, que via a homossexualidade como uma patologia, em outras palavras, como uma doença.

Mas o fato de a palavra homossexualismo se referir a patologia não é unicamente a questão do sufixo **-ismo**, mas também pela contextualização histórica por detrás do termo. Conforme aponta Moura (2018), “é através da memória do dizer, que podemos interpretar e ser interpretados. As palavras significam pela história e pela língua” (p.104). Segundo o autor:

A historicidade dos sujeitos, dos sentidos é de extrema importância. Para atribuir sentido, devemos estar num momento, em determinadas condições de

produção, o sentido não está nas palavras e nem nos sujeitos, mas numa fruição que atravessa os sujeitos e as palavras em um determinado momento em sociedade. A comunidade homossexual, ao reclamar do uso de homossexualismo, tem na memória aquilo que, no passado e nos dias atuais, colocou/coloca os sujeitos homossexuais à margem da sociedade do ponto de vista jurídico ao não atribuir os mesmos direitos que pessoas heterossexuais possuem (MOURA, 2018, p.105)

Nesse enfoque, pensamos que o uso da palavra “bimodalismo” parece estar atrelado ao sentido patológico, sendo marcada pelo sufixo **-ismo**, mas não se reduzindo apenas ao sufixo, pois há uma contextualização histórica que determina o sentido da palavra, a prática do bimodalismo está associada à reabilitação clínico-terapêutica durante a comunicação total. Diferente da palavra “Bilinguismo”, que mesmo tendo o sufixo **-ismo** não é utilizada no sentido de reabilitação da pessoa surda, mas sim no sentido educacional, e mesmo assim, essa palavra tem sido substituída em muitos trabalhos pelo termo bilingue. No caso do “Bimodalismo”, nota-se uma ligeira substituição pelas palavras “Bimodalidade” ou “bimodal”, buscando agregar o sentido de famílias em que os pais são surdos e os filhos ouvintes, tendo a presença de duas línguas de modalidades diferentes no ambiente familiar. Em alguns trabalhos analisados os autores substituíram a palavra “bimodalidade” por “bilingue bimodal”, ou seja, “bilingue” por ser referente a duas línguas diferentes, e “bimodal” por essas línguas serem de modalidades diferentes, LO e LS.

No entanto, em que consiste essa prática bimodal no caso do aluno surdo, já que houve uma mudança de perspectiva de clínico-terapêutica para educacional? De acordo com Cavalcante (2016, p. 118), “a prática bimodal fundamenta-se na necessidade de comunicação, geralmente estabelecida entre surdos e ouvintes que não dominam a língua um do outro, centrando-se no conteúdo da informação e não em como ela será veiculada”. Nesse ponto, pensamos que surdo bimodal não é apenas aquele que consegue se comunicar fluentemente nas duas línguas, mas aquele que está em um processo de aquisição ou de comunicação bimodal, onde há duas línguas com modalidades diferentes e em que os usuários podem ou



não possuir o mesmo nível de conhecimento das línguas envolvidas. Pensamos que esse modelo de bimodalidade é o mais existente, pois se funde com a concepção de bilinguismo em muitas escolas comuns em processo de inclusão.

O termo bilingue bimodal conforme veremos na pesquisa a seguir parece ser voltado para pessoas ouvintes filhas de surdos e que são fluentes tanto em Libras como em LP.

Durante a nossa consulta ao banco de dados *Redalyc*, encontramos grande parte dos trabalhos voltados para as políticas educacionais sendo a bimodalidade ainda referenciada como prática da comunicação total, e a educação bilingue, como filosofia educacional proposta atualmente. Nesse sentido, selecionamos o trabalho “Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal” de Quadros; Lilo-Martin; Pichler (2014); a fim de compreender o uso do termo “bimodal” pelos autores. O trabalho é oriundo do Projeto “Desenvolvimento Bilíngue Bimodal”, desenvolvido pelas professoras Diane Lillo-Martin (University of Connecticut/EUA), Ronice Quadros (Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil) e Deborah Chen Pichler (Gallaudet University/EUA), entre 2010 e 2014.

No artigo Quadros; Lilo-Martin; Pichler (2014) afirmam desenvolver um modelo para o bilingue bimodal: crianças que sejam bilíngues com uma língua de sinais e uma língua falada. O público participante foi em sua maioria composto por crianças, estudantes e ouvintes (com famílias em que pelo menos um ou ambos os pais são surdos e usuários de língua de sinais), que os autores se referem no estudo como “Codas” (*Child of deaf adults*), criança filha de pais surdos). Desta forma, as autoras destacam que essas crianças adquirem a língua de sinais em casa e a língua falada com pessoas ouvintes, incluindo parentes. Assim, para elas o objeto da pesquisa é a separação e mistura das línguas nos contextos de bimodalidade, ou como as autoras chamam “bilingue bimodal”.

Notemos que nesses casos, a bimodalidade se refere a aquisição e fluência na Libras e na Língua Portuguesa por crianças ouvintes, sendo desvinculado o sentido patológico que vimos com relação as crianças surdas. Com relação ao bilingue bimodal as pesquisadoras buscam entender os seguintes aspectos: interferência, alternância e sobreposição de línguas. Segundo as autoras, os bilíngues bimodais, diferente dos bilíngues unimodais, têm a possibilidade de três

modalidades de expressão: fala, sinais ou bimodal. Quando dirigindo a fala a vários interlocutores, as crianças podem usar seu conhecimento linguístico buscando captar a linguagem independentemente de cada modalidade. Em suas palavras:

alguns pais surdos podem usar a fala ou sobrepor as línguas com as crianças, ou, ainda, indicar algum entendimento da fala ou da sobreposição dos enunciados. Outros podem insistir na língua de sinais ou na sobreposição, que permite que a mensagem seja apresentada tanto em sinais, como na fala. Então, para a separação completa do discurso, as crianças bilíngues bimodais provavelmente não irão usar somente sinais nos contextos em sinais, mas uma combinação de sinais e fala. Dada a possibilidade de uma separação mais completa na língua dominante para a comunidade, é possível que a criança bilíngue bimodal desenvolva, usando mais a fala nos contextos de fala, mesmo se há uma variedade de escolhas feitas em contextos na língua de sinais. (QUADROS; LILO-MARTIN; PICHLER, 2014, p. 810).

Retornando para nossos resultados de busca no banco de dados *Redalyc*, encontramos também o trabalho, “O processo de ensino-aprendizagem da leitura em uma turma de alunos surdos: uma análise das interações mediadas pela Libras”, de Silva (2014) em que a autora por meio de uma pesquisa de cunho etnográfico, observou durante três meses as aulas de português de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, mantendo registros em notas de campos, filmagens, transcrições. A turma em questão era de uma escola pública em Belo Horizonte, sendo composta por sete alunos, fluentes em Libras, com idades entre 14 e 27 anos, com exceção de uma aluna que apresentava dificuldades de comunicação, devido à aquisição tardia da Libras. Já a professora de português era formada em pedagogia e tinha fluência em Libras. Desta forma Silva (2014) analisou as práticas de leitura de textos em português, construídas pelo grupo, observando-se a forma como esses participantes usam a Língua de Sinais Brasileira (Libras) para ler e se referir ao texto escrito.

A pesquisa identificou padrões interacionais relativos ao uso do português sinalizado e da Libras, contribuindo para a compreensão

da importância de estratégias didáticas que considerem as diferenças entre as duas línguas e o uso sistemático de técnicas baseadas na alternância de línguas. Silva (2014) enfatiza que as práticas típicas da abordagem conhecida como Comunicação Total, “privilegiam a representação visual da gramática do português em detrimento do uso da Libras nas interações, levando ao uso de mesclas linguísticas que, não raras, vezes, dificultam a compreensão pelos surdos e, conseqüentemente, sua aprendizagem” (SILVA, 2014, p.906).

No entanto, a autora também ressalta que no espaço da sala de aula a relação entre as duas línguas torna-se bastante complexa e traz desafios para surdos e professores no processo ensino e aprendizagem da leitura. Ainda conforme Silva (2014) faltam trabalhos que abordem como as práticas de ensino têm sido consolidadas e como o acesso às duas línguas tem sido construído localmente no cotidiano da sala de aula. Ao refletirmos sobre essa proposição, após analisar alguns trabalhos sobre a educação de surdos, concordamos a autora e complementamos com as seguintes problematizações: que ideologias estão manifestadas nos trabalhos sobre a educação de surdos que direcionam um olhar para a escola bilingue (só de surdos) como a solução do ensino para surdos, que seria diferente da escola especial dos anos de 1990 e da escola inclusiva dos anos 2000? Outra questão é: que investimentos financeiros são feitos na formação e capacitação de professores levando em consideração duas línguas de modalidades diferentes na sala de aula? Não responderemos a essas perguntas, mas trazemos em nossa pesquisa a necessidade de repensar a educação, não somente a de surdos, mas de todos a partir de um ponto de vista contextualizado social, cultural e linguístico.

Na conclusão de sua pesquisa Silva (2014, p. 929) afirma que “ler para os alunos significa transitar constantemente entre as duas línguas e, ainda que parta do reconhecimento sinal-palavra nas atividades iniciais, avança na construção, em Libras, dos sentidos do texto escrito em português”. A autora também ressalta que em alguns eventos na sala de aula foi percebido o “conflito” nas escolhas linguísticas dos participantes, em que os alunos e a professora, além de usarem a mescla entre a Libras e o Português, usam, ao mesmo tempo, formas mais comuns da Libras, situando-se nesse “entre línguas”, seja pela falta de domínio do português como L2

– no caso dos alunos, seja por falta da Libras, no caso da professora, porque os alunos estão cumprindo uma tarefa escolar e usam como referência o português; entre outros.

A partir das contribuições teórico-metodológicas observadas em todos os trabalhos, buscamos tecer uma análise crítica sobre eles, tendo como objetivo compreender como os diversos estudos abordam sobre a bimodalidade, tendo como pressuposto a diferença histórica de concepção das duas palavras: bimodalismo e bimodalidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Frente aos resultados encontrados nesta revisão de literatura, nota-se a necessidade de mais estudos referentes a prática bimodal nas relações familiares, no sentido de se investigar como são constituídas as relações discursivas entre a família ouvinte não usuária de Libras e o membro dessa família que é surdo. Pois a mescla linguística para esse sujeito muitas vezes é marcante tanto devido a leitura labial (quando há), quanto no processo de construção de conceitos em Libras e em Língua Portuguesa.

No caso das escolas comuns em processo de inclusão escolar, e em escolas ou classe de surdos, conforme abordamos, nota-se que mesmo mediante a uma proposta de educação bilíngue, há casos de mescla linguística tanto na linguagem em uso pelos profissionais da educação quanto nas práticas de leitura e escrita da língua portuguesa pelo aluno, nesse caso um dos exemplos mais claros sobre a importância da bimodalidade como recurso para a construção de conhecimento é com relação a separação de sílabas, formação de palavra, inclusive sobre o uso do plural, esse conteúdos acabam por ser um desafio no ensino de língua portuguesa para surdos, principalmente por que não são referenciados em Libras, ou seja, como realizada a separação de sílabas em Libras? E o plural? embora nos dias de hoje se tenha uma literatura sobre a gramática da Libras, é possível que muito pouco ou nada desse conhecimento seja repassado para surdos em idade escolar. Nesse aspecto não foram encontrados trabalhos que abordassem de forma mais profunda sobre como o aluno surdo aprende sobre esses conteúdos

e se lhe é ensinado como a prática bimodal se insere nos modelos educacionais de inclusão escolar ou de escolas especiais.

Outro ponto que destacamos é a necessidade de se adotar a bimodalidade não como uma imposição de ouvintes contra surdos, mas como uma possibilidade de o aluno surdo ter acesso ao conhecimento da língua oral mesmo que seja na modalidade escrita, e, que para isso aconteça, faz-se necessário pensar a Libras não como língua de tradução, mas como língua de instrução, ou seja, ao possibilitar ao aluno surdo o conhecimento de sua própria língua é possibilitado também o entendimento e conhecimento de outras línguas em modalidade oral - auditiva ou espaço-visual, almejando que os surdos não sejam apenas bilingues, mas bilingues bimodais.

## REFERÊNCIAS

ALVES, P. de F. C. **Discurso da mãe ouvinte durante a interação com o filho surdo**. Orientador: Márcia Goldfeld Goldbach. Dissertação (Mestrado) - Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2009. 129 f

BERNADINO, E. L. **Absurdo ou lógica?** Os surdos e sua produção linguística. Belo Horizonte: Editora Profetizando vida, 2000.

BARBOSA, P. C. O.; XAVIER, V. R. D. O caráter patológico na definição de homossexualidade em dicionários escolares. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 245-260, ago. 2021.

BOTELHO, P. **A leitura, a escrita e a interação discursiva de sujeitos surdos**: estigma, preconceito e formações imaginárias. Orientador: Magda Becker Soares. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFMG, FAE- Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 1998. 499 f.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BUENO, J. G. S.; FERRARI, C. C. CEARÁ. Contrapontos socioeducacionais da surdez: para além da marca da deficiência. In: CEARÁ.

**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA.** Cadernos Tramás da Memória. Fortaleza, Memorial da Assembleia Legislativa do Ceará – MALCE, 2013.

CAVALVANTE, E. B. **Educação de surdos:** um estudo das teses e dissertações de 1990 a 2013. Orientador: José Luis Sanfelice. 2016. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2016.

GÓES, M. C. R. de. **Linguagem, surdez e educação.** 4. Ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GOLDFELD, M. **A criança surda:** Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus editora, 2002.

GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 42, dez.2005. p.13-79

MOURA, J. R. F. De. Da morfologia ao discurso: o caso do sufixo – ismo para denominar práticas homossexuais. **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará** – UEPA. Out-Dez. 2018. Disponível em: <<http://https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/download/2139/1067>>. Acesso em: 12. maio. 2022.

QUADROS, R. M. de.; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada.** Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte. vol. 14, núm. 4, out-dez, 2014, p. 799-833

REDALYC. UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DEL ESTADO DE MÉXICO. Sistema de Información Científica Redalyc. **Redalyc** [recurso eletrônico]. 2022. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/home.oa>>. Acesso em: 30. mar. 2022.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (orgs.). **A bússola**

**do escrever:** desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.82-101

SILVA, G. M. da. O processo de ensino-aprendizagem da leitura em uma turma de alunos surdos: uma análise das interações mediadas pela Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte. vol. 14, núm. 4, out-dez, 2014, pp. 905-933.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. trad. Claudia Schilling - Porto Alegre: Artmed, 2003. [original 1926].

WITKOSKI, S. A. **Educação de Surdos e Preconceito:** bilinguismo na vitrine e bimodalismo precário no estoque. Orientador: Tânia Maria Baibich-Faria. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. 255 f.